

## MEMÓRIA CAMPINEIRA ( 17 )

## O CINE REPÚBLICA

Instalado no antigo solar que pertenceu à Viscondessa de Campinas, situado no largo da Catedral, esquina das ruas Francisco Glicério e Costa Aguiar, inaugurou-se a 1<sup>o</sup> de janeiro de 1926 esta tradicional casa de espetáculos da velha Campinas.

Cenário de festas suntuosas e de fidalgas recepções, tendo acolhido Dom Pedro II, o Conde d'Eu e sua esposa, a Princesa Isabel, o Conselheiro Saldanha Marinho quando presidente da Província de São Paulo e outras figuras eminentes da época imperial, o velho edifício, construído de taipas com a frente de azulejos, era testemunho da prosperidade e da opulência fazendeira deste município no século passado. Posteriormente cedido ao governo, ali se instalou o Segundo Grupo Escolar.

Reformado internamente, o tradicional prédio reabria-se com o **Cine República**, uma das maiores e mais bem montadas casas de diversões da cidade, com ampla sala de espera e duas mil poltronas, em salão ventilado por 14 janelas laterais.

Não possuindo palco para a apresentação de companhias teatrais, mesmo assim o **República** contribuía para o movimento artístico da cidade, contratando, seguidamente, números de variedades, duetistas, transformistas e duos caipiras que se apresentavam num estrado levantado junto à tela pintada na parede.

Entrando em moda as tentativas de sonorização dos espetáculos cinematográficos com músicas e ruídos especiais, era no Cine República que se realizavam as exibições de filmes como "Ver Nápoles e depois morrer" e outros no mesmo gênero, acompanhados de grande orquestra, acrescida de instrumentos típicos, pandeiros, matracas e castanholas, imitação da **pedigriota** italiana. Outras ocasiões, pela Semana Santa, era o clássico filme colorido da Pathé, "Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo," desenrolado ao som de músicas sacras a cargo de orquestra e coral misto.

Um dos grandes acontecimentos registrados no Cine República foi a exibição da película campineira "A Carne", produção da APA Filme, com argumento baseado no célebre romance realista de Júlio Ribeiro, que alcançou enorme êxito, pela interpretação de seus protagonistas e pela realização técnica bastante aperfeiçoada.

Campinas, que já produzira “João da Mata”, “Sofrer para Gozar” e “Mocidade Louca”, afirmava, com mais essa produção, suas possibilidades no campo da cinematografia, produzindo filmes de enredo, trabalhos sérios que se destacaram entre as demais produções nacionais da época.

Bem localizado, em ponto central, oferecendo escolhidas programações e comodidades aos seus freqüentadores, o Cine República funcionou regularmente durante dezoito anos, cessando suas atividades a 22 de setembro de 1944, quando destruído por um incêndio.

( José de Castro Mendes, **Efemérides Campineiras**, pp. 102/103. Campinas, Gráfica Palmeiras, 1963. )

\*

\*       \*